

Stadium

N.º 117 * 28 DE FEVEREIRO DE 1945 * PREÇO 1\$50



OLHANENSE-BENFICA

Mário Rui e Loulé batem-se com a fogaosidade que foi apanágio dos jogadores que estiveram no vibrante encontro de Olhão

Lisboa venceu de novo em Madrid

lutando contra as dificuldades de uma arbitragem deficiente e o afã dos adversários para evitarem novo desastre

QUE seria muito mais difícil arrancar a vitória neste segundo encontro da nossa selecção lisboeta de «handball» contra os representantes madrilenos, era ponto que não oferecia dúvida; confiávamos, porém, na incontestada e nítida superioridade técnica dos jogadores para esperar um resultado favorável e expressivo.

As circunstâncias, embora correspondessem em parte às previsões, transformaram-se, no que respecta às possibilidades de acção dos jogadores de Lisboa, com a estranha interpretação dada pelo árbitro às regras mais elementares do jogo, a qual nos autoriza a reconhecer que, após uma primeira parte de «handball», traduzindo por 5-1 a real distância de classe colectiva, a selecção da nossa cidade acabou vencendo apenas por 6-4 um grupo madrileno de jogadores de «rugby».

Não agradou, o encontro; a primeira meia hora ainda pode ser apreciada favoravelmente, embora desde os primeiros minutos se evidenciassem os propósitos de «tudo-por-tudo» da extrema defesa madrilena ou, melhor dizendo, dos jogadores madrilenos, quando em posição na extrema defesa.

Depois do intervalo, porém, a indiferença do árbitro ante as consecutivas cargas pelas costas, entradas duras, prisões, desmortearam os jogadores portugueses, que se deixaram arrastar pelo ambiente e passaram também alguns a catregar e a prender. Foi o período incómodo para os espectadores, que em boa hora desapareceu nos dez minutos finais, quando Vicente, apesar de praticamente inutilizado pelos encostos de Torres na fase inicial, voltou pela força das circunstâncias, pois Valério ficara estendido no solo, necessitando socorro.

O grupo madrileno sacou incontestáveis proveitos da lição das Salésias, recebida com tanta galhardia e desportivismo há dois meses; mas durante meia hora os lisboetas mostraram-lhe que tinham ainda bastante a aprender e os nossos ensinamentos não foram recebidos com idêntico estado de espírito.

Ainham muitos dos jogadores que conhecíamos de Lisboa, nada menos de sete, mas é curioso anotar que os quatro restantes aparecem de surpresa, anunciados só nos jornais do próprio dia—e nenhum deles havia sequer tomado parte no jogo de oito dias antes contra a Guipuzcoa; isto leva-nos a supor que Madrid conseguiu vencer os guipuzcoanos, tão afamados em Espanha, sem lhe serem necessários os seus melhores homens, alguns dos quais reservou para os portugueses.

Há que distinguir, na renovação técnica do «handball» madrileno, dois aspectos: na ofensiva a melhoria foi apreciável, com maior facilidade e decisão no remate a distância, combinações em passes curtos bem organizadas e eficazes aberturas aos extremos, aproveitando a alta estatura dos irmãos Adarraga, dois jogadores de boa classe, mas um dos quais, que é campeão de luta greco-romana, deu prova de excelente físico de atleta mas temperamento pouco adaptável a competições do género; na defesa, a evolução foi talvez eficaz,

mas pouco agradável, e de maneira nenhuma corresponde ao que a nossa defesa ensinou em Lisboa. Os rapazes da camisola roxa impediam de qualquer maneira a passagem dos avançados e, assim que o perigo se aproximava, juntavam-se pelo menos cinco defensores dentro da área de castigo.

Todos os pontos dos portugueses foram conseguidos em sequência de ataques de resposta, quando a bola entre eles avançou mais depressa do que o retorno dos médios contrários, e uma desmarcação final iludiu a entrada desesperada e irrefletida dos defesas.

O jogador que melhor impressão nos deixou foi o médio-centro San Roman, embora abusasse ainda dos ataques pessoais em batimento da bola; incansável, de correcção modelar, nunca o vimos sacrificar a lei à aflição do momento. Como atrás dissemos, os irmãos Adarraga, atletas de San Sebastian, o outro dos quais é «recordman» de Espanha dos 800 metros, são jogadores valerosos, pela sua corrida, bom remate e inteligente sentido de colocação; pareceram, contudo, demasiado nervosos.

A equipa portuguesa, praticamente privada desde o primeiro momento da colaboração de Vicente, que por haver sido o mais perigoso atacante no jogo de Lisboa ficou sob a vigilância de Torres, o qual se desempenhou da missão de maneira formal, teve uma exibição brilhante durante meia hora e desmorteou depois quando o árbitro se esqueceu temporariamente da aplicação das regras.

Vicente, prostrado à primeira avançada porque chocou com a cabeça de encontro ao braço e punho de Torres, leva a infelicidade de chocar mais vezes consecutivas contra o

HIPISMO

As «poules» de domingo

Bôas vitórias de D. Maria Ivens Ferraz e de Henrique Vollmer

PROSSEGUIRAM no domingo, perante numerosa assistência, as poules para disputa das taças «S. H. P.—1945» e «Rodrigo Castro Pereira», organizadas pela Sociedade Hipica.

A jornada de domingo, para a primeira das referidas taças, reuniu 18 cavaleiros e 1 amazona—D. Maria Teresa Ivens Ferraz, que viramos saltar com elegância e desembaraço no último Concurso de Cascais e que, conduzindo muito bem o «Tobruck», alcançou agora magnífica vitória. O seu percurso, premiado com fortes e merecidíssimos aplausos, rápido e seguro, deu-lhe um triunfo indiscutível. Atacando bem os obstáculos e ganhando tempo em todas as viragens, D. Maria Teresa colocou-se à frente da classificação e na vanguarda de cavaleiros de nomeada, como José Beltrão, Joaquim Leote, Trigo de Sousa etc.

Também sem faltas entraram em seguida na classificação «Bagdad» e «Capri», montados respectivamente por Joaquim Leote e Coelho da Silva, tendo conseguido ainda percursos limpos «Leve» e «Fuzil», com Herculano Moura, «Evelynes», com Trigo de Sousa, «Bambino», com Ribeiro Coutinho, e «Marvão», com José Morais. «Caquezes» e «Squalus», bem classificados no domingo anterior foram desta vez menos afortunados.

Para a taça «Rodrigo Castro Pereira» prestaram provas 21 dos 26 inscritos e o primeiro percurso sem faltas foi arrancado por «Belvern», que Mena e Silva conduziu bem, em 1 m. 22 s. 4/5, tempo este mais tarde batido por «Seguro», montado por Peixoto da Silva, 1 m. 27 s. 2/5.

Tudo parecia indicar que a grande luta seria travada pelos cavalos de «handicap»—e de facto assim aconteceu.

mesmo jogador, até ser obrigado a abandonar o campo; voltou nos dez minutos finais, menos assediado pelo inimigo, e a sua presença fez-se sentir.

Os homens que melhor impressão nos causaram,—melhor relativamente a uma boa impressão geral—foram: Natividade, primoroso a antecipar-se durante o primeiro tempo, um pouco desnecessariamente vigoroso depois na contestação à toada dos espanhóis; os dois médios laterais em luta contra os extremos rápidos e habilidosos; Tomaz e Luis Neves, cuja arte de «dríblar» o adversário é inimitável.

Falta-nos falar do árbitro; mas talvez já no decurso destas notas tenhamos dito a seu respeito o suficiente.

Foi o único culpado do mau estar que pairou no campo durante a segunda metade do jogo; prestou péssimo serviço aos seus compatriotas e à modalidade onde actua.

O campo de Chamartin reuniu público bastante numeroso para uma organização de desporto quasi desconhecido; calculem-se em cinco a seis mil as pessoas presentes, cujo entusiasmo e hospitalidade foram simpáticos.

A representação oficial foi de lustre: aos lados do sr. Embaixador de Portugal, grande amigo de todos os desportistas que visitam Espanha, encontravam-se o alcaide de Madrid, sr. Alcocer; o secretário da Delegação Nacional de desportos, sr. Cadenas; o inspector de Desportos, dr. Salazar Carreira; os srs. Guiterrez del Castillo, Guilherme Hildebrand e Martin Fernandez, chefes de Departamento da D. N. D.; o presidente da Federação Portuguesa, sr. Antero Ventura, e o presidente da Federação Espanhola, sr. Suarez Marcelo.

Antes do começo do jogo houve troca de lembranças entre os presidentes das duas Associações e os jogadores alinharam em saudação ante a tribuna, cantando os lisboetas a primeira estrofe da Portuguesa.

O acolhimento dispensado aos nossos compatriotas foi carinhosíssimo, estreitando mais ainda os laços deste excelente e desejado intercâmbio, que tão bom curso está seguindo.

JOSE DE EÇA

«Paraquedista», o grande vencedor do Concurso de Castelo Branco do ano findo, entrou, com Trigo de Sousa, cheio de vontade. Saltou bem, com bom andamento, mas um toque de mãos no último obstáculo afastou-o do prémio. Igual sorte tiveram «Adriático» e «Alcoa» (este com dois derrubes), montados por Alves Pereira e Oliveira Reis.

O «Congo», de Reimão Nogueira, em plena forma, era um dos favoritos e o público seguiu interessado o seu belo percurso sem faltas, que o colocou na vanguarda, mas por pouco tempo, visto que o «Kirsh», montado por José Beltrão, lhe tirou a lugar por 1 s. 1/5.

Chegou a vez de Joaquim Barreto apresentar o «Selector», mas em dia de pouca sorte ou talvez por excessiva velocidade não assustou... A «Inquiridora», pelo contrário, montada por José Granate, tirou um esplêndido percurso, em 1 m. 22 s. 3/5, dando bons saltos e sem aparente dificuldade. Falta apenas correr o «Baruf», com D. Fernando Leote, vencedora da «poule» de domingo anterior, e «Montes Claros», qualquer deles considerados favoritos.

O primeiro, que começou bem, teve um toque de pés que lhe inutilizou o percurso. O «Montes Claros», montado por Henrique Vollmer, entrou com a responsabilidade de defender o seu 1.º lugar para a posse da Taça.

Em optimo galope e atacando bem os obstáculos, o «Montes Claros» teve desta vez a sorte pelo seu lado, visto que deu vários toques mas não teve derrubes... Bem conduzido, obteve o melhor tempo, 1 m. 21 s. 1/5, que lhe deu a vitória e lhe garantiu o lugar.

ANTAS TEIXEIRA

Ano III — Lisboa, 28 de Fevereiro de 1945 — II Série — N.º 117

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

TELEFONE 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEGRAVURA, LDA.—LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

Casos
de «off-side»

Há quem diga: no Estádio Nacional, o ambiente não é factor a ter em conta dado o publico estar muito distante do campo.

Nós consideramos que sim. Alguma importância deverá ter o ambiente. E que estivemos no Estádio, no último treino, e as ovações de pouco mais de uma centena de assistentes foram o suficiente para dominar o campo, constituindo o mais belo dos incentivos. Suponha-se o que sejam 70.000 pessoas a gritar...

Os espanhóis pediram que se pincelasse as rédes de branco. Não sabemos a razão que originou tal pedido.

Só não compreendemos a razão porque os espanhóis não pincelam as rédes de branco... em Espanha.

Não são permitidas as substituições no Portugal-Espanha. Sob o ponto de vista de competição—está certo. Mas é a primeira vez que se procede desta maneira.

O adiamento desta medida por mais um ano—não estaria mal. De motu próprio alienamos vantagens!

Os portugueses apresentam-se de camisola encarnada. Os espanhóis de jersey azul.

Esperamos que, desta vez, o Benfica ganhe ao Belenenses!

Para dar uma ideia da dificuldade da organização de um encontro como o Portugal-Espanha, responsabilidade que recai inteiramente na pessoa do secretário geral da Federação, dr. Vergílio Paula, basta dizer que o número de bilheteiros e porteiros sobe a 200. Se o espectáculo da bola dá dinheiro—também o gasta!

Os bilhetes custam desde 60\$00 (bancada central) a 10\$00 (geral, sentado), preços mais baratos, em boa verdade, do que na competição nacional, relativamente. A receita será grande?—Sem dúvida, mas há que ter em conta que o Estado cobra 20% da receita bruta.

O team de Espanha, que chega a Lisboa na manhã do dia 9 de Março, treinará nesse mesmo dia no Estádio Nacional, seguindo depois para o Estoril. Chama-se a isto não perder tempo.

Idéias próprias
e alheias

TODOS os jogadores das categorias de honra da Primeira Divisão do Campeonato Nacional, assim como os jogadores juniores, terão entrada no Estádio Nacional, no Portugal-Espanha.

Esta decisão da Federação de Futebol merece aplauso a mãos ambas. Compreende-se perfeitamente que os melhores jogadores portugueses tenham a facilidade de ver os desafios internacionais, e o desafio do nosso maior agrado, visto dispormos agora de um estádio de grande capacidade de lotação. Mais se compreende que essa regalia seja concedida aos jogadores de amanhã, ainda em período de formação.

Os treinos da selecção nacional não têm decorrido... nem bem nem mal. De uma coisa estamos certos, nós e todos: que a sua utilidade é muito escassa.

Para pôr à prova jogadores — não têm servido. O Fosforos ainda forçou um pouco o jogo. De um modo geral, porém, os jogadores convocados não têm encontrado em campo qualquer resistência. Praticamente, correm e mexem-se como se estivessem sósinhos no terreno.

Para dar conjunto ao grupo — também não. Pela simples razão de que o chamado grupo nacional tem alinhado tão disfarçado que ninguém o reconhece. Que fica desta série de treinos, deficientemente elaborada? — O contacto dos jogadores com o terreno. Pouco mais. Ou mais nada.

Os treinos de conjunto, segundo parece, terminam hoje. A realizarem-se mais não o serão no Estádio Nacional, visto o terreno começar a ser definitivamente preparado e arranjado para o grande jogo. Pensou-se, por causa da marcação dos centros, e por outras razões, encurtar o rectângulo, que tem, como medidas, 105 por 68 metros. Não foi possível.

Quincoces, o seleccionador de Espanha, trabalha a fundo. Segundo as suas declarações — começou por estabelecer uma lista de trinta jogadores. Essa lista foi reduzida no penúltimo domingo, eliminados oito, ou mesmo dez ou doze, para incluir novos, pois nisto de selecção — afirma Quincoces — o problema é a forma, a verdadeira condição do individuo. Sem carácter de prováveis contra possíveis — disputar-se-á em Madrid mais um desafio, marcado para o dia 28. Problema mais delicado para Jacinto: a escolha da linha média.

A Espanha também se prepara — e com cuidado...

JOGADORES à base da energia

no "team" nacional

pois não há substituições

A formação do team nacional deverá observar-se em face de uma lei que por completo a domina, a das substituições. Apenas o guarda-rédes, em caso de lesão, poderá ceder o lugar a um jogador de fora. Assim, os que entrarem no Estádio Nacional, alinhando ao sinal do árbitro suíço, têm de ter capacidade de jogo para a hora e meia, nos pés e na respiração. É afinal o que acontece em todos os desafios, naqueles chamados oficiais ou de competição. E todos sabemos como as lesões influem nesses desafios. Quere dizer, a formação da linha nacional, problema já de si difícil, vê-se agravada pela lei das substituições. Não nos recorda de jogo internacional em que o team português tenha tomado parte (não temos presente o regime do campeonato do Mundo), sem haver substituições. Mesmo que tal se tenha verificado em algumas vezes, o certo é que, normalmente, era já usança a substituição de unidades: em maior ou menor número, conforme combinação prévia.

E isso prestava-se a corrigir, em pleno campo e no pleno desenvolvimento da partida, a formação apresentada e tanto tempo pensada.

Na verdade, não víamos inconvenientes na velha prática internacional das substituições, visto tratar-se de encontros especiais, destinados a dar, tecnicamente, a expressão do futebol de um país, e visando fins mais do que simplesmente desportivos. Sem dúvida, a medida de agora dá um carácter mais sério ao desafio internacional.

Concedemos. Tem, porém, inconvenientes no que respeita ao team português. Tempos houve em que tivémos, por assim dizer, um grupo nacional permanente. Já se sabia o grupo que jogava: era o mesmo do último desafio internacional, com a correcção de um ou outro lugar. Dizia-se: os backs são estes; a linha média está feita por sua natureza, e assim por diante.

Agora—não. Anda-se um pouco às cegas, como que tateando na escuridão, em trabalho no sentido de se conseguir novamente um team nacional digno desse nome.

Isto é, que corresponda à verdade do nosso futebol. O estado a que chegamos deve-se à circunstância de não terem havido encontros internacionais — e de não se ter procedido como se realmente os houvesse. Mas não vale a pena olhar para o passado, neste capítulo e neste momento. O que lá vai — lá vai. Atenda-se à tarefa — que estamos ainda a tempo.

É certo que em Espanha se passa precisamente o mesmo, e quicá mais expressivamente. A Espanha vai dar-se à reorganização do seu grupo nacional, retalhado e esfrangalhado, verdadeiramente desaparecido, por causas que são de todos conhecidas. Portanto, ambos os países se encontram em igualdade de circunstâncias no tocante à medida adoptada pelas duas Federações. Isso não quer dizer, repetimos, que a lei das substituições não torne mais difícil a tarefa dos seleccionadores, dominando esse trabalho.

Por isso mesmo — não compreendemos a vantagem de ter muitos nomes apontados e um número elevado de jogadores em preparação e no seu regime especial de vida e treino. A menos de quinze dias do match importa sómente prever a hipótese de determinado elemento não poder alinhar. Mais nada. De resto, trata-se de um apontamento sem grande importância. Sob o ponto de vista económico — nenhuma. Pelo que se reflecte nos teams de clube — alguma.

Voltando ao caso.

A selecção nacional deverá, pois, ser constituída por jogadores fortes, enérgicos e decididos, capazes de se darem à luta com entusiasmo, espírito de sacrificio e dedicação.

Como não há em Portugal jogadores hors-classe (embora o número de indiscutíveis ainda seja elevado) sacrificie-se o jogador artista, mas débil, a favor do homem enérgico, lutador, menos sujeito à lesão, capaz de suportar a violência da hora e meia. No fundo, o jogador deste tipo não é favorecido. Vai ser mais uma vez sacrificado, no sacrificio que constitue a mais nobre das honras.

Há resposta para tudo...

A falta de espaço tem obrigado a pôr de parte esta secção, tão do agrado de inúmeros leitores. E o pior é que todas as semanas chegam mais umas dezenas de cartas... Mas, já agora, continuaremos depois do próximo Portugal-Espanha. Um pouco mais de paciência, pois...

A selecção espanhola de futebol

no primeiro jôgo de preparação, e treinando contra o A. Aviação, empatou 2-2

Quincoces ainda não escolheu definitivamente o grupo

Crónica de Ramón Melcón

JACINTO Quincoces foi nomeado seleccionador nacional há pouco tempo. Não teve, pois, possibilidade de organizar o seu plano de treinos, como se faz em Portugal. Por outro lado, as grandes distâncias que separam as capitais espanholas onde existem clubes da primeira Divisão — muitas situadas no litoral e a grande distância das restantes — tornam muito difícil uma preparação semelhante à que aí se segue: as viagens são longas e fazer vir a Madrid, por exemplo, depois de cada partido da Liga ou Taça, resultará muito incomodo, mesmo prejudicial para os jogadores.

Por isso, Quincoces limitou-se a organizar dois encontros de treino da possível selecção. Nessas sessões observará o que julgar conveniente — e os nomes dos internacionais serão definitivamente indicados no fim deste mês.

O primeiro treino efectuou-se no Estádio Metropolitano, na quarta-feira passada, à porta fechada, sómente com a assistência de dirigentes, membros das federações e jornalistas. De um lado, o conjunto dos prováveis internacionais, a futura selecção em hipótese; do outro, os jogadores do Atlético Aviación, na quasi totalidade.

Pela selecção alinharam: Eizaguirre (Valência), Millán (Granada), Aparicio (Atlético Aviación), Alconero (Sevilha), Ipiña (Madrid), Nando (Atlético de Bilbao), Epi (Valência), Panizo (Atlético de Bilbao), Zarra (Atlético de Bilbao), Alonso (Madrid) e Gainza (Atlético de Bilbao).

Contra: Ederro, Mesa, Cobo, Gabilondo, Germán, Cuenco, Iriando, Arancibia, Mundo, Campos e Vasquez. Quere dizer, o grupo do Aviación reforçado com Iriando, do Atlético de Bilbao, e Mundo, do Valência.

O encontro resultou, como a maior parte dos que se disputam com este objectivo, vistoso no que respecta a jogadas individuais, e numa ou noutra combinação de melhor desenho. Faltou-lhe, porém, emoção, porque muitos dos que se julgam definitivamente seleccionados não posaram aquelle interesse na luta que o seleccionador desejará. Para mais, o próprio treinador jogou suavemente, afim de evitar o perigo das lesões.

É natural também, nestes desafios, que os jogadores da equipa que se opõe à selecção procurem brilhar, para conquistar um posto no team nacional. Assim, dá-se o caso de vários elementos do Atlético

Aviación jogarem melhor que os seus adversários: Gabilondo foi superior a Alcorero; Germán a Ipiña; Iriando a Epi.

O encontro acabou com um empate de dois goals. Os da selecção feitos por Zarra, de cabeça; os do Atlético, por Mundo, um dêles magnífico de execução.

Da prova, que durou uma hora, pode concluir-se o seguinte: um grande guarda-rêdes, Eizaguirre, em bela forma, sem rival em Espanha. Dois magníficos avançados-centros, Zarra e Mundo, com características diferentes: mais ágil e melhor rematador de cabeça, Zarra; mais técnico e de melhor domínio da bola, Mundo. Qualquer dos dois desempenhará com perfeição o difícil papel no Estádio Nacional, situado na deslumbrante paisagem de Jamôr. Um excelente extremo-esquerdo, Gainza, em boa forma, e com intelligente concepção de jôgo. Dois estupendos extremos-direitos, Epi e Iriando: mais frio e cerebral o primeiro, mais alegre e vistoso o segundo — ambos com um bom toque de bola e remate a ter em conta.

O resto do grupo, mesmo descontando o facto de alguns jogadores actuarem com «gana», sofrerá certamente modificações até chegar ao alinhamento definitivo. Alonso e Panizo são dois bons interiores, mas não se esforçaram nada e o nome de Escalá, seguramente o melhor interior do momento actual, veio à idéia de todos. Também foi lembrado Cesar, o outro meia-ponta do Barcelona, batalhador, com tiro fácil e domínio da técnica e da bola. Na linha média, Ipiña é sobejamente conhecido para que o julgemos pela sua indolente actuação. Germán e Gabilondo fize am optimas exhibições. A defesa teve uma actuação discreta: tanto Millán como Aparicio são homens de luta, que só sabem jogar em desafios de verdade. O jôgo de salão não quadra ao seu temperamento. Nando compriu bem, assim como Campos e Vasquez.

Em suma, aguardamos o segundo e último encontro preparatório, que se disputará hoje devendo tomar parte nelle Escalá, Moleiro, Gonzallo II, Huete e Cesar. Desde logo, podemos afirmar, sem modo de enganos, que a selecção espanhola poderá perder em Portugal — mas será muito difficil. Confiamos nos nossos homens — e sabemos que o nível de jôgo em Espanha não desceu tanto como alguns julgam. Como ainda outro dia se disse em Portugal, e em letra de forma...



J. QUINCOCES
Seleccionador espanhol



EIZAGUIRRE
Guarda-rêdes do Valência



MILLÁN
Defesa-direito do Granada



APARICIO
Defesa-esquerdo do A. Aviación



ALCONERO
Médio-direito do Sevilha



IPIÑA
Médio-centro do Madrid



NANDO
Médio-esquerdo do A. Bilbao



EPI
Ponta-esquerda do Valência



PANIZO
Interior-direito do A. Bilbao



ZARRA
Avançado-centro do A. Bilbao

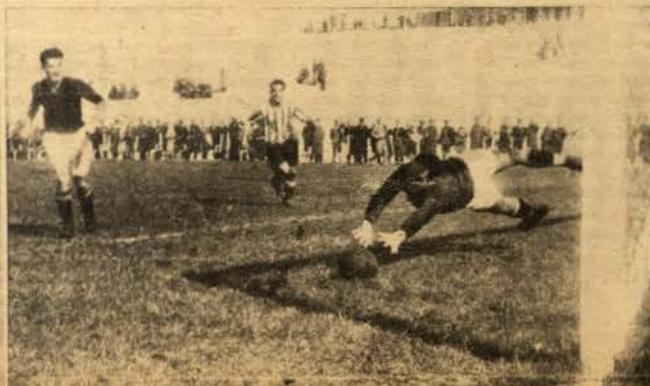


ALONSO
Interior-direito ou esquerdo do Madrid



GAINZA
Ponta-esquerda do A. Bilbao

No treino, em Madrid, Eizaguirre (Valencia), em grande forma, numa defesa de bom estilo, terá ainda de se livrar da investida de Mundo (Valencia), que ocorre. Nando (Bilbao) não perde a visão do lance



A selecção portuguesa no estágio

Venceremos pela primeira vez
— eis a esperança de todos...



DAMOS nesta página várias imagens do estágio dos internacionais no Estoril, trechos que, na sua simplicidade, reflectem a estreita camaradagem que liga todos os seleccionados.

O regime de estágio, muito em uso, ao ponto de vários clubes o terem adoptado, por vezes, na altura decisiva dos campeonatos, tem adeptos, havendo, no entanto, pessoas que não acreditam na sua eficácia, entendendo, pelo contrário, que tal regime tem graves inconvenientes — aquêles que resultam da mudança brusca de usos, hábitos e passadio.

Há um pouco de verdade e de razão nisto tudo. Mas não há dúvida que a grande força do estágio, aquillo que verdadeiramente o impõe e o justifica, consiste na transformação que êle produz de onze jogadores em onze amigos. Amigos que não perdem a sua qualidade de jogador, antes a valorizam no mais belo sentimento de humanidade. E essa qualidade do estágio domina todos os seus defeitos.

Isto, é evidente, na hipótese da Selecção Nacional, pois no caso clubista não é de admitir que os que envergam a camisola da mesma côr, ligados pelo convívio de várias épocas, não sejam leal e sinceramente amigos.

Para a selecção são escolhidos jogadores de diferentes teams, cumprindo fazer destes retalhos um autêntico team. A tarefa apresenta-se sempre difficilissima. O estágio serve esta idéia do conjunto.

magnificamente. Os jogadores, cada um do seu clube, quem sabe se separados pelo espirito de luta que anima as competições, não se vendo com bons olhos uns aos outros, por vezes, tornam-se facilmente amigos na convivência do dia-a-dia, descobrindo boas qualidades no adversário clubista que julgavam só com defeitos. Afinal, o Fulano é um excelente camarada — diz um sportingista falando de um benfiquense, ou vice-versa. De resto, succede nos estágios mil e uma peripécias, todos se dando a brincadeiras inofensivas, mas que têm o condão de pôr à prova as esplêndidas qualidades de jogador.

Por exemplo, Teixeira, do Benfica, o vice-presidente da mesa, como lhe chamam, tem conquistado todos pela sua lhana camaradagem. Outro dia queria convencer os companheiros que o Benfica tinha perdido com o Belenenses para não tirar a taça ao campeonato...

Sabemos que o estágio no Estoril tem decorrido muito bem, sendo manifesta a comunhão de idéias e esforços. Entre o seleccionador Salvador do Carmo e os seleccionados há um convívio fraterno que não exclui respeito.

Como já se disse, nem todos os seleccionados têm passado o dia inteiro no Estoril. Alguns vêm às suas occupaões, recolhendo à hora do jantar. Vai começar agora a fase do estágio completo.

Os jogadores passam uma vida simples e saudável. Erguem-se às 7 da manhã e dão a lição de

gimnástica, tomando um reconfortante sumo de laranja. Almoçam e jantam todos na mesma mesa redonda (há indicações alimentares) e deitam-se cedo. Grandes passeios a pé pelo campo ou pela praia. Há ainda treino individual, às sextas-feiras, a cargo de Augusto Silva, um treinador que sabe ser um companheiro afável e mais idoso, com a experiência e a vantagem de ter já passado pelas mesmas vicissitudes.

Outro dia encontramos em Lisboa o médio sportingista Octávio Barrosa.

— Como tem decorrido o estágio?

— O melhor possível. Não calcula. Somos todos amigos. É uma vida saudável. Eu, e todos, gostamos!

— Animados...

— Lá animação e esperança não faltam. Posso falar por todos: sinto que nos anima um desejo ardente e uma fé vivissiimal...

— Qual?

— Que venceremos pela primeira vez!

Éis — patente — a grande força do estágio. A preparação é indispensável. Não o é menos a preparação psicológica. Alguma coisa nos dizem as imagens que publicamos.

T. S.



O GRANDE CAMPEONATO

BENFICA, NA POSSE DO TÍTULO

A 14.ª jornada resolveu o problema Já se conhece o campeão!

Crónica de TAVARES DA SILVA

TODOS o sabemos. Faltam ainda quatro jornadas para a morte do campeonato nacional de 1944-45, e os três clubes que se encontram na linha da frente estão somente distanciados por um ponto, o que indicará a uma vista desprevenida incerteza acerca do desfecho. Será isso verdade? Iremos ter uma luta dramática neste mês de competição que completa o calendário?

Somos rebeldes a profecias. Aqui, porém, não há previsão. A 14.ª Jornada parece ter resolvido o problema a favor do leader. Como poderá perder o Benfica a situação da cabeça, e com o desastre entregar o título noutras mãos? Só desde que perca no seu campo contra o Pôrto, Vitória de Setúbal e Vitória de Guimarães, ou contra o Salgueiros no campo Augusto Lessa.

É isto possível? — Sem dúvida, pouco provável. De resto, na hipótese do desastre benfiquense importava ainda que o seu mais directo adversário, o Belenenses, ganhasse todos os desafios que lhe campre disputar. Recordemo-nos que am dèsses encontros é nem mais nem menos do que o Sporting-Belenenses, e no estádio do Lumiar. Quere dizer, o Benfica poderia ter mais pontos de diferença na tabela e o seu futuro apresentar-se erregado de nuvens. As aparências iludem. Apenas com um ponto sobre o Belenenses e dois sobre o Sporting — o horizonte apresenta-se-lhe cor de rosa, limpo e desennuviado, que dá gosto. Não se vê bem como poderá cair. E na hipótese de igual em pontos com aquéles que se encontram, presentemente, em 2.ª e 3.ª lugares, ainda ficará na posse da taça de campeão. Estamos inteiramente convencidos que os resultados da 14.ª jornada resolveram o questão. O problema decidia-se em Olhão. Resultados:

Olhanense	1 —	Benfica	3
Pôrto	2 —	Estoril	2
Belenenses	4 —	Vitória (Gaim.ª) ..	1
Vitória (Setúbal) ..	2 —	Académica	0
Sporting	8 —	Salgueiros	2

Na bola, acontece que a teoria é uma e a prática outra, erguendo-se amide o debate sobre o que é e o que devia ser, se os números que exprimem a vida dos concorrentes na prova correspondem à realidade do jogo e das exhibições, ou se, pelo contrário, são falsos e enganosos.

Vendo os teams no presente momento — julgamos o Benfica sensivelmente superior aos outros; o suficiente para se destacar. O grupo apresenta algumas delicias nas encontros soluções satisfatórias para essas falhas. Deste modo, o team apparece-nos como uma máquina em que tudo está no seu lugar, com excelente funcionamento. Mesmo, porém, que a observação abranja o principio e o fim da prova (já chegamos ao fim), não há dúvida que o grupo foi, além do mais regular, aquêle que forneceo brilhantismo, mostrando-se seguro com os mais fracos e resistente com os da sua igualha. O Sporting perde o titulo no primeiro pontapé, e embora o seu esforço tivesse sido grande pelo tempo adiante, os leões não conseguiram apagar os traços negros do trecho de abertura. Por sua vez, o Belenenses, com intervenção discreta, e certamente valiosa, não ganha no confronto com os encarnados. Concluindo — a vencer, venceu o grupo que melhor se comportou na competição, e o team que, presentemente, melhor joga em Portugal.

A 14.ª jornada não nivelou as forças em luta, indice de fraca qualidade de association. A excepção do jogo impetuoso do estádio Padinha, e da partida equilibrada e rija do Lima, nada ou pouco haverá a registar. No

Lumiar como nas Salésias o barómetro marca o melhor tempo possível, nem a mais leve ameaça de tempestade. Nos Arcos — também relativo sossego.

Tal qual a competição se apresenta não é de estranhar que os desafios que faltam sejam aproveitados por todos os treinadores, pelo menos por aquéles que dirigem os teams que estão numa posição já bem fixa, para experiências de arranjos, uma ou outra troca de lugares, e estreia de vários jogadores. Joaquim Ferreira, no Sporting, já se metea dentro desta orientação. E nos jogos a sério que os jogadores dão a sua verdadeira medida, devendo aproveitar-se os encontros sem responsabilidade para ver até onde chega um novo elemento. Significa isto que todos os teams continuarão na prova — pensando na Taça de Portugal, isto é, no seu futuro.

A classificação geral, no momento actual, divide-se em três lotes: os três da cabeça, muito juntinhos e ao mesmo tempo, como frisámos, afastados daquele que se assenta no titulo; os quatro que se seguem, Pôrto, Vitória (Setúbal), Estoril e Olhanense, constituindo o tronco da prova; Vitória (Guimarães), Académica e Salgueiros na cauda, apesar do sub-campeão do Pôrto ficar a uma distancia incommensurável do penditimo classificado, quanto mais dos outros! Resolvido o problema do titulo era caso para pôr já outro em disputa. Mas não pode ser. Os competentes têm a sua estrutura inabalável. Sejam quais forem os acontecimentos — são am tudo uniforme, com principio, meio e fim, que se deverá respeitar. As vezes — lastima que assim seja.

As verdadeiras ilusões do Belenenses, e mesmo do Sporting, morreram em Olhão no desafio mais concorrido de quantos se têm realizado naquela terra. Julgava-se o Olhanense capaz da surpresa. Porque todos viam am grupo algarvio que não é, precisamente, aquêle que se encontra hoje no tabulhão.

O Olhanense dea-nos o futebol mais alegre da competição, am mixto de técnica e da energia e vivacidade dos seus componentes, de sangue na guelra, dispostos a todos os sacrificios de ordem física. Submetido a prolongadas e repetidas deslocções por imperativo do sorteo e do calendário, tal como se encontra elaborado, o team como que ficou amachucado, ou, não o tendo ficando, sentia nas suas fileiras o efeito do desgaste das viagens e dos grandes esforços, regres-

sando à terra am pouco diferente. Não era o mesmo que havia partido. A vida dura da emigração dera-lhe a experiência, mas tiráralhe frescura, qualquer coisa como a mocidade. O seu comportamento contra o Sporting já era o indicio. Em frente do Benfica foi a confirmação. Alvoitrou-se agora que a combinação dos jogos e respectiva elaboração do calendário seja modificada no sentido de evitar estes inconvenientes, que colocam alguns dos concorrentes (caso Olhanense) em manifesta inferioridade. Embora apoiemos estas ideias desportivas, e a favor de um clube cuja entrada na Prova foi combatida por quasi todos e só por nós defendida com tenacidade, julgamos difficil modificar a estrutura da competição enquanto uma cidade tiver quatro representantes, levando à necessidade de se disputarem dois desafios em Lisboa e dois fora (o Estoril poderá ficar de fóra no próximo ano). Em Espanha — sim. Não há este problema.

Não diminuindo o feito do Benfica — é sempre proeza ganhar-se quando há absoluta necessidade de se ganhar — aligara-se-nos indisputavel que os benfiquenses encontraram o terreno algarvio nas melhores condições, já amaciado pela lava. Tendo em conta a especial vocação do Benfica para as causas graves e decisivas, pode dizer-se que os lisboetas passaram o obstáculo algarvio, sabendo aproveitar o vento e a maré. A lesão de Jldio podia tornar mais difficil a tarefa. Lá estava, porém, esse dinamico e artista Espirito Santo para o remendo (talvez expressão imprópria, e com o brilho que as suas facilidades fazem supôr. Assim, de am modo geral, o Benfica foi superior ao Olhanense, e para sua comodidade — nunca chegou a perder. Isto é, no fundo, muito importante. Um team, mesmo melhor, colocado em inferioridade de goals, quere, muitas vezes, e não pode. Então, vê o tempo passar — e desespera-se. Os lances começam a ser executados com nervosismo, e todo se perde. Certamente, o Olhanense passou am periodo em que o empate esteve à vista: de 2-1 para 2-2. Mas a sorte do jogo não o diz, e também a validades de defesa lisboeta. Pois o perigo desapareceo, trazendo o Benfica de Olhão os dois preciosos pontos que lá foi buscar.

Não deixa de ser curioso o que se passa com os extremos da seleção, ou seleccionados, ou apontados para o lugar. Espirito Santo, designado no posto de extremo direito, alinha no centro; e Catolino, em quem vários técnicos vêem o extremo esquerdo de categoria internacional, também forma, coagido pela lesão de Correia Dias, no posto de avançado-centro. De resto, a inutilização de C. Dias está a influir no rendimento do Pôrto. Como sempre, pelo menos muitas vezes, acontece o seguinte: não é a falta de um elemento que acarreta a grande dificuldade, mas a sua repercussão no conjunto. Se há um homem apetrechado para o lugar que falta — ainda o caso não oferece gravidade. Mas como em geral isso raramente succede (os clubes estão mal de sapentes) uma falha estraga am todo, obrigando a mudanças, com os inconvenientes que estes recursos comportam. Contra o Estoril — o Pôrto dea, por vezes, a imagem do seu jogo, am bom dominio de bola e facilidade de combinação. Mas não foi mais além. Não joga de forma a convencer, nem a vencer. Pelo contrario, o Estoril, de uma serenidade a toda a prova, soube organizar a sua defesa, não se deixando perturbar pelas vistosas combinações do seu adversário, em certos momentos, e tendo ainda forças para reagir nas duas vezes que esteve a perder, dominando até em vários periodos. Verdade que o jogo lhe correa de feição, inclusive com accidentes em anidades do seu adversário, mas isso de nada serviria se o team não soubesse tirar proveito de todas as oportunidades apresentadas pelo desenvolvimento da partida.

(Continua na página seguinte)

AS NOSSAS SEPARATAS

A publicação de EMBLEMAS A CORES

CONTINUA até o fim do mês a recepção de emblemas dos clubes, para a reprodução a cores e publicação em separatas, como temos anunciado.

Pelos motivos que já referimos — só poderemos começar a elaboração das tricromias depois da seleção da maioria dos desenhos — pedimos às Direcções dos clubes que abreviem a remessa dos mesmos desenhos.

CAPITÃES DAS EQUIPAS DA I DIVISÃO

Neste número: a 3.ª separata desta nova serie — a fotografia de JAIME GRAÇA, capitão do grupo de honra do SALGUEIROS.

II DIVISÃO NACIONAL

TEVE escasso interesse a jornada de domingo, relativamente ao campeonato nacional da II Divisão. Disputaram-se oito encontros mas só dois tinham influência nas aspirações dos contendores. Eram os que haviam de decidir o apuramento dos vencedores das séries 7 a 12; os restantes — constituíam pró-forma.

E, verdadeiramente, o desfecho da luta entre o Naval 1.º de Maio e o Conimbricense a pouca gente despertara curiosidade. Seria preciso que os figueirense ganhassem por uma diferença superior a seis «goals» — coisa em que dificilmente se poderia acreditar... Ao fim e ao cabo nem isso se verificou, pois os «navalistas», embora visitantes, ganharam por 2-0. Fica aos conimbricenses a compensação de terem vencido bem.

A luta entre os vencedores das duas sub-séries da série 12 é que parece ter tido desfecho de surpreender. O Barreirense, mostrava-se o adversário mais capaz de ganhar — mais «nome», mais categoria, carreira mais convincente... Afinal, perdeu.

Os seis restantes desafios não ofereceram quaisquer «novidades». Resultados a denotar equilíbrio, de modo geral. Apenas o empate entre o S. Lisboa e Marinha e Atlético Marinhense pôde constituir discreto resultado para o segundo, que tem firmado melhor a sua posição. O Águia Vilafranquense, derrotando a União Operária, tornou menos convincente a superioridade dos clubes da II Divisão sobre os da I Divisão da A. F. de Setúbal.

O Luso de Beja valeu-se do avanço que levava para não sofrer as consequências da derrota sofrida no domingo em frente do Atlético de Moura e manteve a diferença que o separava do União local, porque este também foi vencido.

A próxima jornada — primeira da segunda fase do torneio — tem já outro «sabor»...

ZÉ DO PEÃO

A actividade do xadrez desportivo

NO Grupo de Xadrez prosseguem as provas preparatórias para o encontro Portugal-Espanha, a efectuar em Março, no Casino Estoril, e que está a despertar excepcional interesse. Visando já o apuramento eventual de jogadores de 1.ª categoria, afim de se completar a equipa dos «prováveis», começou a disputar-se o Torneio da Categoria de Honra da Associação de Xadrez do Sul, prova integrada nos novos programas da modalidade. Registraram-se 28 inscrições, pelo que se recorreu ao sistema de eliminatórias, até apurar os dez xadrezistas que constituirão o primeiro elenco de categoria de honra do Sul.

As provas preliminares terminaram já, com o seguinte resultado:

Eliminatória A: 1.º — Helder Sardinha (I. S. T.) 4,5 pontos; 2.º — «ex-aequo», José M. Dorez (G. X. L.) e Armindo Dias (G. D. I. N.), 4; 4.º — «ex-aequo», Humberto Reis (E. P.) e Vasco Santos (G. X. L.), 3; 6.º — A. Pereira Costa, 1,5; 7.º — A. Nunes dos Santos (ambos do C. C.), 1/2. **Elim. B:** 1.º — Carlos Costa (G. X. L.) 5 pontos; 2.º — «ex-aequo», Rodrigues da Silva (C. C.) e Nandim de Carvalho (G. X. L.), 3,5; 3.º — João A. Costa (J. N.), 2,5; 6.º — A. Araújo Pereira, (G. X. L.), 2; 7.º — Quaresma de Almeida, (I. S. T.), 0. **Elim. C:** 1.º — Cunha Sana (I. S. T.), 4,5 pontos; 2.º — «ex-aequo», J. Castelo Branco (C. C.) e Fred. Las Vignes (C. Sol), 3,5; 4.º — F. Alcalde (C. C.), 3; 5.º — Silva Ramos (G. X. L.), 2,5; 6.º — Artur Cruz (G. X. L.), 2,5; e 7.º — Fernando Simões (I. X.), 1,5. **Elim. D:** 1.º — «ex-aequo», Rui Nascimento (G. X. L.) e Manuel Esteves (C. C.), 3,5; «ex-aequo» Carlos Pistone (C. C.) e Mário Faisca (I. S. T.), 4; 5.º — J. Casimiro Vinagre (G. X. L.), 3; 6.º — A. Correia Dias, (C. Sol), 1; 7.º — Fernando Nicolau (J. N.), 0.

O GRANDE CAMPEONATO

(Continuação da página 6)

Quantas vezes temos dito que os *teams* se conhecem fora do seu ambiente, na visita ao adversário. Mesmo perdendo, quando têm a consciência dos seus méritos, exibem-se de forma a obrigarem a luta permanente, mantendo a ansiedade pelo resultado. Quando ganham — é oiro sobre azul. São vitórias quasi de valor duplo. Por isso se costuma dizer, e com inteira razão, que os campeonatos se conquistam com os pontos fora de casa. Verdade maior nunca se disse. Observando-se o presente campeonato mais uma vez se reconhece haver fortes motivos para aplicação do princípio.

Todavia, perdendo nos Arcos, e sendo inferior ao Vitória (Setúbal), que do princípio ao fim joga com ganhas, e numa comanção de esforços que é o segredo do *association*, a Académica deixou boa impressão, lutando com brio e classe, defendendo-se e atacando.

Fazendo melhor figura do que o Vitória (Guimarães) e o Salgueiros, respectivamente, contra o Belenenses e o Sporting — cajos triantos se desenharam logo que o apito do árbitro deu o sinal de começo. Eis a ideia geral, e aproximada, da 14.ª jornada agora na sua desludida fase do fim.

A eliminatória A era talvez a mais homogênea. Sardinha, grande «revelação» do Técnico, partiu em favorito, seguido de perto por Dorez, em forma estacionária, e Armindo Dias, que acusa nitidos progressos. H. Reis, com o seu jogo rápido, e Vasco Santos, mantendo forma irregular, classificaram-se a seguir, à frente de P. Costa, que demonstrou qualidades e Nunes dos Santos, demasiado rápido em jogar.

Na eliminatória B encontravam-se também alguns bons valores.

Carlos Costa, que há muitos anos não participava em provas oficiais, evidenciou grande forma. Jogo sólido e experiente, se bem que modesto sob o ponto de vista teórico. Rodrigues da Silva, a prestar boas provas, e Nandim de Carvalho, um tanto irregular, embora mostrando talvez maior classe, podem aspirar a melhor comportamento. Antunes não jogou dentro das suas possibilidades, mas o resultado foi lisongeiro. João A. Costa comportou-se muito bem. Araújo Pereira bateu-se mal, a jogar muitíssimo abaixo das suas possibilidades reais. A Quaresma de Almeida falta ainda a devida experiência das provas de competição.

Na eliminatória C a luta foi igualmente renhida. J. Castelo Branco, Frederico Las Vignes e António Serra tiveram um comportamento equiparável, que satisfez plenamente. Silva Ramos evidenciou ligeira baixa de forma, pois tem classe para fazer melhor. Alcalde teve uma estreia condigna, mostrou qualidades mas com deficiente auto-domínio dos nervos. Artur Cruz e Fernando Simões jogaram dentro das suas possibilidades actuais.

Na eliminatória D, as faltas de comparação falsearam as classificações, diminuindo muito o interesse da luta. Rui Nascimento, seguro da sua superioridade, não se empregou a fundo. Esteve evidenciou a posse de excelente forma. Faisca e Pistone cumpriram. Vinagre mantém acentuada baixa de forma, com as mesmas características — jogo promissor de princípio e «suicídio» na decisão final. Correia Dias, da Costa do Sol, estreante em provas oficiais, não pôde jogar sempre.

A prova prossegue em meados de Março, afim de se concederem maiores facilidades aos Torneios preparatórios para a nossa próxima estreia internacional, na qual convergem todas atenções da «flicion» xadrezística.

Está actualmente em curso, no G. X. L., o Torneio de Selecção e Treino, em que participam os Mestres Francisco Lupi, Leonel Pias, João de Moura, Carlos Pires e Gabriel Russel, e os primeiros classificados dos torneios eliminatórios citados, Rui Nascimento, «leader» do último Campeonato de Lisboa, Rodrigues da Silva, Nandim de Carvalho, Helder Sardinha, campeão do Instituto Superior Técnico, e J. Castelo Branco, e ainda Correia Neves, ex-campeão de Lisboa, e Alexandre Gonçalves, do Grupo de Xadrez do Porto.

Em próxima crónica ocupar-nos-emos desta interessante prova e do estudo antecipado das possibilidades da equipa nacional perante a forte selecção espanhola.

VASCO C. SANTOS

A PROVA «OUTONO», do Campo de Ourique

A disputa da prova «Outono», organizada pelo Campo de Ourique, assinalou da melhor maneira a nova época do tiro reduzido. Mais uma vez ficou demonstrado o grande interesse e entusiasmo que no simpático clube se dedica à modalidade.

O torneio foi animado pela comparação de 110 atiradores, que no decorrer das sessões dispararam 1.650 tiros; na média de 5 tiros de ensaio por cada atirador, obtem-se o sugestivo total de 2.200 tiros.

O torneio serviu ainda de «pedra de toque» para apreciarmos a disposição das habituais «espingardas» presentes nas provas de tiro. De facto, os melhores nomes apareceram a dizer-nos que, a despeito de todas as dificuldades, o tiro reduzido pode contar com a sua dedicação. Prevê-se, assim, um bom início de actividade no novo ano deste desporto, que a prova «Manuel Castelo Branco», da iniciativa do Casa Pia, vai confirmar.

A taça «Outono», com as suas três categorias — uma de senhoras — forneceu aspectos de interesse.

A presença, na categoria B, de D. Maria de

O sol nas praias

Durante a época balnear, a natação encerra o maior prazer para os frequentadores das nossas excelentes praias. Após o vivificante e completo desporto, o repouso na areia, sob um bom toldo, é agradávelíssimo — principalmente se se dispuzer de um dos óptimos toldos da Fábrica Portuguesa de Encerados, cujas casas, na rua do Vale de Santo António, 71 e 73, e no Cais de Santarem, 66 — telefones 24085 e 24086, atendem prontamente todos os pedidos do género, uma das suas especialidades.

Lourdes Gomes da Silva, atiradora do Campo de Ourique, constituiu uma deliberação de belo desportivismo. Prejudicou-se individualmente, pois conquistaria a vitória da categoria de senhoras, mas com o seu «fôgo» deu o triunfo à equipa do clube.

Na categoria A também se registaram sucessivos aspectos de interesse. Apesar de nela estarem agrupados os melhores nomes do tiro reduzido lisboeta, verificou-se que certos atiradores menos premiados conseguiram «fôgo» de muita precisão, batendo alguns dos consagrados. Assim, Antero Lopes, Luís Howorth, Eugénio Silva, Hermenegildo Benzo, Dulio Silva e mais alguns foram suplantados neste torneio. Mas do facto não resultou demasiado entusiasmo pela vitória, nem mesmo os vencidos se consideraram diminuídos no seu valor. Assinala-se assim um belo estímulo para ambas as partes. Tanto melhor.

A classificação e o «tempo» dos dois primeiros atiradores desta categoria merece ser observada, constituindo pormenor que nos leva a julgar da presença de espírito e sua influência na melhor pontuação.

Assim, Cardoso Alves, do Gimnásio Clube, gastou 11 m. 25 s. e 1/5 para totalizar os 150 pontos. Manuel de Almeida Santos, do Banco Espírito Santo, para obter os mesmos pontos precisou de 14 m. 59 s. e 1/5. No entanto, o benfiquense Godofredo Bravo Dias gastou apenas 5 m. 29 s. e 2/5 para os seus 15 tiros, somando 149 pontos. João Naia, do Sporting, também com 149 pontos, somou o tempo de 7 m. 9 s. e 3/5. Ainda com a mesma pontuação, Reinaldo Constant, do Benfica, fez os seus tiros em 7 m. e 17 s. E José Mendes Leite do Benfica, também com 149 pontos, fez os seus 15 tiros em 11 m. 4 s. e 3/5.



O BENFICA destrói
em OLHÃO
as ilusões do BELENENSES
e do SPORTING



A MARCA
QUE
VOU USAR
EM CHAPÉUS
E BONÉS

EM OLHÃO: — Duarte vai interceptar mas Rodrigues antecipa-se. Teixeira e Rogério observam; 2 — O ataque algarvio em ação — mas com Gaspar Pinto já senhor do lance; 3 — Rosa segura uma bola alta sob a pressão de Palmeiro. F. Ferreira e Albino surgem em pleno esforço; 4 — Duarte segura dificilmente um ótimo remate de cabeça de Espírito Santo; 5 — Arsenio perde a bola em luta com Nunes; 6 — Grazina e Moreira, dois médios que têm dado que falar, surpreendidos num oportuno instante. NO PORTO: 7 — Como Barrigana conseguiu antecipar-se a Bravo...; 8 — Valongo e Catolino — dois jogadores que se afirmam de jornada a jornada. NO CAMPO GRANDE: 9 — O ataque «leonino» força Rafael a nova e difícil intervenção. EM SETÚBAL: 10 e 11 — Duas fases do ataque dos setubalenses — que não tiveram no domingo a compensação merecida. NAS SALÉSIAS: — Elói furta-se à defesa vimaranense — mas sem êxito; 13 — Valente defesa de Machado aos pés de Mário Coelho

O EMPRÊGO DE ESTIMULANTES ILÍCITOS

CRÔNICA DE RAFAEL BARRADAS

HA poucos dias chegou até nós a informação de que certos pugilistas profissionais portugueses costumam subir ao quadrângulo estimulados por drogas medicinais, cujo emprêgo se considera ilícito e altamente nocivo.

Acrescentou indignado o nosso espontâneo informador que, recentemente ainda, certo combate para a disputa de um título nacional fôra renhido e violento, contra toda a expectativa, porque um dos contendores havia sido antecipadamente injectado com certa droga. O nome do pugilista foi-nos revelado — e como as suas exhibições posteriores baixaram de eficiência, parece confirmarem-se as suspeitas levantadas.

Os processos desleais de activação artificial do organismo foram postos em prática, pela primeira vez, há bastantes anos. As lides do turf e a ausência de escrúpulos de muitos jockeys e treinadores, implantaram e desenvolveram o processo até à saciedade. Depois,

e porque os maus hábitos proliferaram, estendeu-se a todas as práticas desportivas em que o homem participa, sem se olhar aos prejuízos resultantes de tão artificial e condenável sistema.

O termo «doping», consagrado hoje até nas publicações científicas, veio-nos do calão hípico e aplica-se a todos os casos em que se utilizam estimulantes com o fim de aumentar a capacidade executiva do homem ou animal, momentaneamente e sem efeito permanente e duradouro.

O motivo porque se reprova e condena a prática de tais processos compreende-se bem: o organismo humano, após o estímulo, ultrapassa a sua capacidade, porque o mecanismo fisiológico anunciador do esgotamento se encontra suprimido e deixou de funcionar a tempo. Ora saiba-se que forçar o coração para além dos limites do seu poder produz invariavelmente consequências irreparáveis e definitivas.

Para quando o regresso das raparigas?

JA lá vai meia dúzia de anos. O desporto feminino vivia então o seu período áureo, a época de esplendor.

As raparigas portuguesas, que à parte os chamados desportos de «élite» apareceram pela primeira vez integradas num conjunto clubista na célebre classe feminina do Lisboa Gimnásio Clube, dirigida pelo prof. Anibal Pinheiro, vai transcorrida uma década, haviam-se decidido pela educação física e, com relativa celeridade, correram aos ginásios; a frequência nas classes femininas de diversas colectividades — mórmente da especialidade — aumentou rápida e consoladoramente e, mais do que isso, abraçaram todos os desportos compatíveis — ou incompatíveis... — com o sexo.

No atletismo, no «basket», no «ténis» de mesa, na natação, no próprio «hockey», na patinagem, a presença gentil de silhuetas femininas animava as competições.

E nomes femininos passaram a ser decorados e a auferir autêntica popularidade.

Maria Gouirão, Maria Helena Sá, Maria Ester Moura Cabral, Maria Helena Ribeiro, Maria de Lourdes Bessone Basto, Margarida Salazar Carreira, May Norton e tantas mais que atingiram posições de relevo nas respectivas modalidades, deixando os seus nomes para sempre ligados ao desporto português.

Em 1937 os anseios da mulher lisboeta foram mais longe: nasceu um clube exclusivamente para senhoras. Assim se criou o Gimnásio Feminino de Portugal, à semelhança de idêntica colectividade nortenha.

Depois... começou a debandada. Os ginásios passaram a ser menos frequentados. Os parques desportivos ficaram desertos. Nas provas máximas da natação portuguesa títulos havia que ficavam por atribuir, pela falta de concorrentes.

As razões invocadas para justificar tal estado de coisas são as mais dispares. Pode mesmo dizer-se que cada cabeça... cada sentença...

Há quem lembre preconceitos, falta de ambiente, o público — até a guerra...

Não é nossa intenção discutir o problema. Basta-nos registá-lo. E já que a mulher copia tudo o que lá de fora chega — bom ou mau — por que não se decide a copiar também esse gosto pelas práticas desportivas que caracte-

riza a mulher civilizada de todos os cantos do globo?...

É possível que haja quem não goste da forma um tanto rude de pôr o problema. Paciência...

Em resumo: o desporto feminino pertence à história. Só temos um meio para falar nele: evocando o passado. É certo que evocar o passado é hábito muito do agrado da gente lusa...

Cabe-nos, porém, perguntar: agora, que com o advento da primavera regressam as andorinhas, não seria possível que regressassem também as desportistas da nossa terra, que andam não sabemos por onde?...

DUAS NOTAS POR SEMANA

NO ESTRANGEIRO

O desporto tem por vezes, felizmente raras, as suas horas de tragédia. O homem não consegue eliminar da sua actividade a sombra sempre iminente do risco e, quanto às práticas desportivas, até por definição se lhes reconhece intimamente ligada a possibilidade de perigo.

Os accidentes desportivos, mais ou menos graves, são muito excepcionalmente, porém, são mortais e, quando tal sucede, é porque a fatalidade contribuiu para forçar a mão do destino.

Os jornais espanhóis trouxeram-nos há dias a notícia de um exemplo impressionante.

Disputava-se no principal frontão de Madrid uma partida de pelota vasca entre equipas de dois jogadores; a luta decorria animada, emocionante pelo equilíbrio de forças e pelo entusiasmo dos adversários, que arrebataram com as suas jogadas o ânimo do público. Em determinado momento, a uma bola lançada para o meio do campo acorrem os dois jogadores parceiros; um deles bate a bola com a cesta mas apanha-a mal e ela escapa-se desviado, indo chocar na cabeça do outro com tanta força que o lança ao chão, desamparado, para trás.

Levam-no inânime do recinto, volta a si pouco depois, chegando a conversar com as pessoas que o cercam, mas pronto torna a cair em coma. Levado de urgência ao hospital, a punção lombar revela fratura da base do crânio, provocada não pela pancada da bola, mas pelo choque da cabeça no solo, ao cair. Horas depois o desgraçado expirava.

O desporto tem por vezes, felizmente raras, as suas horas de tragédia.

Estão nesta categoria os produtos conhecidos pelos nomes de coramina, cardiazol, óleo canforado, etc., e outros medicamentos de estímulo cardio-vascular e respiratório, cujo emprêgo, por pessoas ignorantes ou mal-intencionadas, constitui grave perigo e condenável acção. Esses «batoteiros» deverão ser excluídos em definitivo da família desportiva, não só porque a medida será salutar e previdente, como pela vantagem de se defender o «jogo limpo» — os ingleses chamam-lhe *fair-play* — que uma diferença de potencial provocada por estímulos exteriores e anormais inofensivamente prejudicaria.

O professor Dürr, da Universidade de Basileia, especializado em desportos, condena sem reboço o emprêgo de tais produtos e só o admite depois das provas, no período de recuperação, em casos espe iais.

Embora tratar deste assunto seja algo pretencioso na pena de um leigo em medicina, julgámos possível e necessário abordá-lo; possível, porque os problemas de maior complexidade científica podem sempre expressar-se e descrever-se em linguagem acessível e de vulgarização; necessário, porque é tempo de esclarecer os interessados sobre as consequências perigosas de uma prática condenável.

O «doping» propriamente dito estabelece-se, porém, em toda a extensão, quando se usam preparações especiais. A cafeína, a estriquinina, certas substâncias aparentadas com certa *hormona* — a adrenalina — e outras cujos nomes comerciais não vêm para o caso, produzem hiperactividade motora, reduzem a sensação de fadiga e aumentam o trabalho muscular.

Para se impedir o emprêgo dos estimulantes ilícitos, em certos países só se admitem no «canto» do ring auxiliares de provada idoneidade e que não tenham quaisquer afinidades com os pugilistas. Noutros, há severas sanções contra aqueles que sejam descobertos a administrar, ou receber, esses estímulos. Em Portugal era desconhecida a prática activa do «doping», mas, pelo visto, não tardou em chegar o seu emprêgo abusivo.

O concurso das pessoas honestas deve contrariá-lo e o auxílio dos médicos inspectores descobrirá a tempo as infracções, que terão de ser duramente punidas.

EM PORTUGAL

O congresso da Federação Portuguesa de Atletismo, reunido há pouca mais de uma semana, escolheu para aquele importante organismo superior do desporto nacional novos dirigentes, à frente dos quais reaparece o nome prestigioso do eng. Alexandre Correia Leal, atleta de grandes méritos na sua mocidade, técnico competente e orientador criterioso quando a vida o afastou da actividade nas pistas — sem conseguir afastar a sua dedicação pelo atletismo.

O antigo campeão do «Cif» vai ocupar por mérito próprio um dos postos mais importantes da hierarquia desportiva nacional, porque, também por direito próprio, se deve colocar o atletismo em plano de realce na importância comparativa dos diferentes jogos e modalidades desportivas.

Difícil tarefa vai ser a sua para fazer da federação um organismo com a indispensável autoridade, a organização e o dinamismo necessários, o espírito orientador conveniente.

Precisa de fundas e formais reformas lóda a orgânica do atletismo português, cujos regulamentos são antiquados, cujo arquivo é inexistente, cuja acção cristalizou em moldes de há vinte anos, afeiçoados ao livre arbítrio das preferências de alguns mentores mais ousados, que impuseram o seu critério sem ao menos terem o cuidado de amoidar as leis vigentes ao objectivo dos seus interesses partidários.

Toda a opinião pública desportiva confia na autoridade, zelo e independência do novo presidente da F. P. A., que tem felizmente a secundá-lo um grupo de dirigentes capazes, como nunca conseguiram reunir os seus antecessores.

O Sport Lisboa e Benfica e os seus 41 anos de existência

As festas do aniversário começam hoje com um banquete dos sócios mais antigos

A data de saída do presente número da *Stadium* coincide com o primeiro acto comemorativo de novo aniversário do Sport Lisboa e Benfica. O popular clube completa e comemora, com o entusiasmo que lhe é habitual, quarenta e um anos de preciosa existência. Uma data destas não pode passar despercebida. E não é apenas pelo que o clube vale como agremiação dedicada à propagação de uma causa nobre, como é a dos desportos. É, também, pelo que o desporto deve ao Sport Lisboa e Benfica, em serviços notáveis e em vibração, durante mais de quarenta anos.

Com uma obra que incidiu em especial na expansão e valorização do futebol nacional, e que teve por base a reunião de dois núcleos de antigos jogadores do popular desporto, o Sport Lisboa e Benfica tem, no entanto, desempenhado papel de relé em quase todas as modalidades. A todas elas se tem dedicado, com maior ou menor amplitude, mas sempre com galhardia. Elevou-se, assim, de um grupo de futebol a um clube eclético, e de grupo de poucas dezenas de jogadores e entusiastas da bola a clube com mais de uma dezena de milhares de sócios. Não é favor classificá-lo como um dos maiores e mais florescentes clubes portugueses de desporto. É um clube que honra o desporto e o País.

A acção do Sport Lisboa e Benfica, do antigo Sport Lisboa, tem-se caracterizado pelo espírito de luta, entre os atletas, e pelo sentimento de coesão e dedicação, na massa associativa. Foi sempre agradável ver lutar o Sport Lisboa em pugna desportiva. Tem realizado proezas que não esquecer facilmente. E os seus sócios, dentro da velha divisa do clube — um por todos e todos por um — têm sabido estimular os atletas e defender a colectividade. Há na verdade um espírito colectivo, dentro do clube. E não é por isso de admirar que o mesmo se considere uma «família», unida e vibrante, que se sacrifica na defesa da sua bandeira e que sabe confiar nos destinos da colectividade e no seu futuro.

Tem precedido deste modo em grande número de oportunidades. Foi assim ao princípio, logo nos primeiros anos, quando começou a ser o grupo lusitano que se batia melhor com os mestres ingleses de Carcvelos — e quando os bateu, em Fevereiro de 1907, numa tarde gloriosa. E foi também assim quando, alguns

meses depois, ainda no mesmo ano de 1907, a saída de quasi todos os jogadores da primeira categoria, para o Sporting, provocou uma crise difícil. Sempre valoroso — nos momentos de felicidade, como na desdita...

Este tem sido o segredo de muita vitória — no Sport Lisboa e Benfica. E é a melhor garantia da sua expansão.

Um artigo desta ordem, para registar com simpatia a passagem de mais um aniversário, não permite fazer a história do clube. Nem se pode tentar, ao menos, um simples esboço. Fizemo-lo, aliás, há pouco tempo, no ano passado, na série das reportagens sobre os grandes clubes portugueses de futebol. Temos, por isso, de ficar numa ou noutra nota que marque a ascensão do clube, ou que seja prova eloquente da sua vitalidade.

Reparemos, entretanto, no número de sócios. A data de 28 de Maio corresponde à do primeiro treino, em terrenos de Belem, junto à linha ferrea. Nessa altura eram quasi todos jogadores — e não deviam ir muito além de dois «teams», para o treino...

O maior afluxo de sócios foi provocado pela construção do Campo das Amoreiras, inaugurado em 13 de Dezembro de 1925. Segundo o relatório da gerência, o número total de sócios, em Junho de 1926, era de 2.982, dos quais 1.423 titulares, por possuírem obrigações para a construção do campo. O Benfica passou então, nitidamente, à categoria de grande clube.

Não é fácil fixar bem a successão do número de sócios, por se fazer com certa frequência a actualização do respectivo número de inscrição. De 2.982 subiu a 3.269, na gerência de 1928/29. Ultrapassou a casa dos 5.000, de 1934 para 1935; coube ao dr. José Pontes esse nú-

mero, entre os sócios titulares, sendo o título emoldurado em prata e entregue solenemente a José Pontes, por causa dos benefícios colhidos pelo clube, com o auxilio do ilustre presidente do Comité Olímpico Português, à sombra de uma das leis protectoras do desporto.

Em 1941/42 entraram 1.512 sócios, ficando o número total em 6.186. Não foi difícil chegar á dezena de milhar, em Março de 1944. O número de inscrição estava, há dias, em 14.474, o que quer dizer que a população associativa do Benfica já é superior a treze mil sócios.

Há, todavia, outro número a fixar: o clube conta, actualmente, 48 filiais espalhadas por todo o Imperio; e já recebeu, figurando na sua galeria de honra, 985 taças ou trofeus.

Série longa, para este trabalho, a enumeração de quantos triunfos tem o Benfica registado, em vários desportos, durante o longo período de quarenta e um anos. Recordamos, apenas, algumas das proezas mais recentes que estão dentro das características do clube — o triunfo conseguido contra o Vitória de Setúbal, depois de estar a perder, e a vitória obtida no último jogo contra o Sporting. Qualquer delas, brilhante e emotiva, fica bem no historial do clube.

Acêra das suas figuras mais representativas, não queremos deixar de aludir ao nome de Félix Bermudes, presidente da direcção, antigo desportista e dramaturgo e poeta do melhor quilate. Félix Bermudes vem dos primeiros tempos do Sport Lisboa. Jogou futebol. Foi capitão do segundo «team» que subiu à primeira categoria, em 1907. Cooperou na conquista dos primeiros trofeus ganhos pelo Sport Lisboa. E contribuiu eficazmente para a solução de algumas crises.

Félix Bermudes, que se distinguiu em muitos desportos, e que foi atirador olímpico e internacional à pistola e com espingarda — é um elemento precioso de ligação, entre o passado e o presente do clube, relativamente à sua projecção no futuro.

O começo das festas comemorativas do novo aniversário do clube tem um significado especial, por que se realiza com um banquete de confraternização entre sócios com mais de 25 anos de vida associativa. De harmonia com uma lista publicada recentemente, são cerca de 135 os sócios nessas condições. O princípio das festas faz-se, pois, com a cooperação dos sócios mais antigos. Não são poucos, ainda assim. E entre eles há alguns que têm prestado relevantes serviços ao Benfica. Vão por certo evocar o passado — e o passado do clube. Andam ligados, há mais de um quarto de século.

O banquete está marcado para hoje à noite, às 19 horas e 30 minutos, e é promovido pelo «Sport Lisboa e Benfica», órgão oficial do clube, a que pertenceu também a iniciativa da excelente jornada de saudade que foi o banquete do ano passado, de homenagem aos jogadores de 1907, 1910/11 e do «onze» campeão de juniores. Está, de facto, bem entregue.

Ao Sport Lisboa e Benfica apresentamos afectuosos cumprimentos, pela passagem de mais um aniversário da sua fundação.

Associação dos Pupilos do Exército

A Associação dos Pupilos do Exército comunica-nos a próxima abertura das aulas de esgrima, para a frequência das quais se encontra aberta a inscrição a todos os sócios.

Basketball no C. I. F.

O Internacional organize um torneio interno do basketball para o qual está aberta a inscrição na sede deste Clube.

BIBLIOGRAFIA

O «FRACO VENCE O FORTE»

um livro curioso da autoria de Armando Gonçalves

RECEBEMOS o livro «O Fraco vence o Forte», de que é autor o sr. Armando Gonçalves, publicista e ex-instructor de *jiu-jitsu* da Polícia de Segurança Pública da cidade do Porto, cujos trabalhos literários, a favor da natação e da famosa luta japonesa que Raku celebrou entre nós, temos tido ensejo de acompanhar.

A presente obra deixou o prelo em 1941 e acha-se prefaciada pelo coronel Namorado de Aguiar, que foi comandante da Polícia da capital do Norte e teve a feliz ideia de convidar o sr. Armando Gonçalves para instructor da corporação. Por causas alheias à nossa boa vontade só agora podemos fazer referência, nas nossas colunas, à publicação, o que não impede de modo algum a oportunidade da sua divulgação.

O autor é pessoa competente e das mais bem apetrechadas para escrever sobre a matéria. Aluno do japonês Iirano, por sua vez um dos alunos de Raku, conhece, de *facto*, bastante da luta japonesa para no-lo comunicar.

A designação de *jiu-jitsu* (de *jiu* = fraco e *jitsu* = arte) significa «arte de defesa do fraco» e dificilmente se encontraria melhor imagem para expressar a finalidade e os meios do sistema. E dos mais antigos e proficientes métodos de cultura física conhecidos, talvez com duzentos anos de anterioridade relativa ao advento de Cristo, e dos mais completos e complexos.

Este aspecto essencial do *jiu-jitsu*, que o livro do sr. Armando Gonçalves não foca devidamente por ser destinado a outro fim, é acompanhado de outras virtudes, tais como a de permitir, pelo conhecimento de golpes que actua cientificamente nos pontos e lugares sensíveis do corpo humano, paralizzando os mais tenazes esforços, a dominação de qualquer adversário por mais forte que seja. Outra finalidade interessante é a de conseguir resistência anormal à dor e à fadiga, tornando assim o desportista indiferente a tais sofrimentos.

O livro do sr. Armando Gonçalves acha-se dividido em duas partes. A primeira, destinada à *defesa feminina*, contém cerca de 11 golpes distintos, defensivos, capazes de garantir à mulher uma passageira superioridade de física sobre o homem atacante. A segunda parte compreende 63 maneiras de *defesa masculina* e pela quantidade se avalia a variedade das mesmas.

Qualquer dos golpes está exemplificado com claras fotografias e explicações no texto, simples e conciso, como convem.

Para resumir: achamos a obra de indiscutível utilidade, embora incompleta sobre o aspecto de *cultura física*, sem materiais superfluos, redigida em linguagem acessível, a qual aconselhamos aos nossos leitores. O aspecto gráfico é bastante atraente e cuidado.

Resta-nos agradecer o exemplar que o autor gentilmente nos enviou.

A SEMANA AIRAVES DA OBJECTIVA



1 - Os presidentes das Federações reunidos com o dr. Salazar Carreira para o intercâmbio desportivo com a Espanha; 2 - A selecção de Lisboa de handball cumprimenta o sr. director geral de Desportos antes de partir para Madrid; 3 - A mesma selecção à partida do Rosário, com o dr. Salazar Carreira; 4 - Na reunião de jornalistas convocada pela Federação de Futebol; 5 - Os cicloturistas do Benfca em Orléans. O CONCURSO DE PESCA DESPORTIVA: 6 - As senhoras mais bem classificadas; 7 - O dr. Araújo Cordeiro em acção; 8 - O enq. Lima Dantas a espéa - o par vencedor.

O DOMINGO DESPORTIVO



Chaves de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — manda fazer outras na **CASA DAS CHAVES**

de Amadeu Gomes da Fonseca

R. do Mouraria, 3 (Frente ao Cinema) Tel. 28050

FUTEBOL «NA M. P.»: 1 — Os grupos dos Dapilos e do Liceu de Cambes, que empataram na final por 2-2; 2 — Fase do 1880. **HOCKEY EM CAMPO:** 3 — Fase do 1880 Benfica-Atlético. **CORTA-MATO:** 4 — A. Morais, do Benfica, vence em estreantes; 5 — O. Silva do mesmo clube, ganha em juniores. **ATLETISMO:** 6 — Os atletas do Ateneu que concorreram ao torneio intradócios de domingo. **NO PORTO:** 7 — Os concorrentes ao campeonato regional de juniores de «corta-mato», ganho por C. Miranda, do F. C. Porto; 8 — As equipas que disputaram o Porto-Aveiro em «basket»; 9 — Os grupos que jogaram o Porto-Lisboa da mesma modalidade.

A figura da semana

Aquillino Pereira Monteiro

ANTES de firmar o seu nome como dirigente, o nosso focado soube procurar na prática de diversos desportos as alicerces para a sua actividade de hoje.

Vimo-lo, por isso, a jogar futebol pelo Coimbrões, e a praticar atletismo, ciclismo, «basketball», hipismo e tiro. Embora revelando qualidades que muito prometiam, a competição propriamente dita não o tentou durante muito tempo. Procurava somente tirar dos desportos os benefícios que a sua prática conscienciosa proporcionava. Em 1942, Aquillino Monteiro conquistava um grande prémio para a sua salutar conduta: o da Insignia Desportiva dos Dirigentes da «Mocidade Portuguesa», para a qual é exigido um conjunto de provas (corrida, saltos, lançamentos e tiro) só acessível a um atleta completo.

Hoje, Aquillino Pereira Monteiro ocupa, entre os dirigentes do desporto português, lugar de releante preponderância. Sobre tudo como presidente da Associação Portuguesa de «Volley», a sua acção tem sido notável. A modalidade deve-lhe muitíssimo. O I Pôrto-Coimbra, por exemplo, só foi possível graças ao seu entusiasmo e até do seu sacrifício material...

Ocupa ainda, há duas épocas, um lugar no Conselho Fiscal do F. C. do Pôrto e desempenha superior missão oficial como dirigente da «Mocidade Portuguesa». «Diplomata», culto e de um dinamismo inulgar, correctíssimo em todos os seus actos, conhecedor dos vários problemas do nosso desporto, Aquillino Monteiro tem sabido grangear simpatias gerais e tem construído uma obra que é digna de ser apontada como exemplo.

Notas da semana

Confusão no «basket» português

Os jogos realizados entre o Vasco da Gama e o Guifões estão a dar que falar. O primeiro, efectuado no campo deste último, foi anulado, por decisão da Associação, em consequência de irregularidades de arbitragem. O Vasco da Gama, segundo se diz, recorreu para a Federação.

No jogo efectuado na 2.ª volta, no Parque das Camélias, o Guifões voltou a protestar pelo facto de iluminação ser deficiente, e de tal forma que, enquanto o seu terreno e respectiva cesto estavam com luz, a parte referente ao Vasco da Gama esteve imersa em certa obscuridade durante algum tempo.

Deve acrescentar-se que o Vasco da Gama venceu nos dois jogos e que o Guifões está mais ou menos oporido como «segundo» para o campeonato nacional.

Vemos a ver o que se destaca na confusão, que só vem embalar a posição destes grupos, que terão de derimar entre si qual será o vencedor português esta época.

(Continua na pag. seguinte)

Stadium

na Capital do Norte

ATLETISMO

A época de «corta-mato»

continua a seguir pelo melhor caminho

O campeonato de «principiantes» confirmou tudo quanto havíamos dito quando da competição de «estreadantes» — já que aquela foi quasi uma repetição desta. Isto compreende-se, desde que se recorde que a modalidade esteve inactiva durante duas épocas, portanto sem possibilidades de preparar novos praticantes e de lhes criar os sucessivos graus de actividade.

Carlos Miranda, o excelente atleta que a temporada de 1945 revelou, mais uma vez veio confirmar o que dele aqui temos dito, conquistando novo título, agora com mais brilhantismo, pois teve adversário até 30 metros da meta: Albino Neves, do Académico. Este, que de domingo para domingo, e à medida que as distâncias se alongam, melhora o seu comportamento, parece-nos com qualidades para brilhar nas futuras competições.

Leonel Silva, que de 2.º classificado em «estreadantes» passou para 3.º em «principiantes», também confirmou a nossa primitiva impressão: a de que será um excelente corre-

dor em pista nas distâncias de meio-fundo.

Joaquim Rodrigues, 4.º classificado nos dois campeonatos e atleta que completa o «rote» das excepcionais revelações da época, mantém com agradável regularidade os seus resultados.

Em suma: os dois primeiros campeonatos de «corta-mato», se outras qualidades não lhes fossem, bastava a de terem dado ao nosso atletismo quatro atletas de sólidas qualidades para merecerem boa classificação.

Colectivamente, o F. C. do Pôrto continua a marcar posição de relêvo e a provar ser o que mais trabalha pelo nosso atletismo. Bom será que os restantes clubes lhe sigam o exemplo, para que o ressurgimento da modalidade se torne mais sólido.

Factos que merecem referência: o cuidado que tem sido pôsto nas organizações e o entusiasmo do público, cada vez mais numeroso de prova para prova.

Mantém-se, pois, o magnífico ambiente inicial.

E. S.

INICIATIVAS DA STADIUM

O nosso torneio de «Volleyball»

está a ser disputado com vibrante emoção por uma centena de praticantes!

PODEMOS afirmar que o «volley» português não podia ter melhor abertura de época. O ambiente de entusiasmo em que a nossa organização está a decorrer, a maneira carinhosa com que o público recebeu os jogos da primeira jornada e o interesse que os clubes estão a pôr na competição — tudo isto há-de por força reflectir-se com manifesto proveito no futuro da modalidade.

Ao «volley» português faltavam, na verdade, iniciativas desta natureza, capazes de despertar o interesse por um desporto tão salutar e em que estão interessados muitíssimos praticantes. O nosso torneio, portanto, surgiu no momento próprio, e a Stadium tem motivos de sobre para se sentir compensada do seu trabalho e da sua iniciativa, já pelo êxito da própria competição, já pelas inúmeras provas de carinho e de oferta de preciosa colaboração, que recebeu nesta emergência.

Está agora a disputar-se a primeira eliminatória, que compreende duas jornadas, em obediência ao que foi regulamentado. Depois dela, ficarão no torneio 8 equipas com legítimas aspirações ao troféu «Dr. Salazar Carreira». Nova eliminatória se seguirá, então, para sucessivamente se dar lugar à final: doze praticantes em luta dos cem inicialmente inscritos.

Quais serão os finalistas? Aqui

está uma pergunta que vai levar o seu tempo a ter resposta. Entretanto, o «volley» português viverá, sem dúvida, fases de franca emoção e de excelente entusiasmo.

A primeira jornada

A iniciativa da primeira organização da época teve brilhante abertura. Tanto no Lima, como na Bela-vista — campos gentilmente cedidos, respectivamente pelo Académico e pelo Sport Clube — estiveram em luta quasi cem praticantes. Todos os jogos, por outro lado, decorreram com desportivismo e sem o mais pequena falta — atributos que são nova demonstração dos propósitos de todos em prestar preciosa colaboração à iniciativa da Stadium.

Na primeira jornada o favoritismo das duas equipas do Centro Universitário e da equipa A do F. C. do Pôrto confirmou-se. É natural que entre eles esteja a que vai ganhar a taça «Dr. Salazar Carreira». Contudo, há que contar com o Académico e o S. Roque, cujas «turmas» se mostraram muito capazes de causar surpresas.

Técnicamente, o «Volley» praticado ainda não foi perfeito, nem esteve à altura das possibilidades da maioria dos concorrentes — mas tal não admira, sabendo-se que estamos no princípio da época.

Em síntese: a primeira jornada do torneio do Stadium decorreu de

HANDBALL

Notas e comentários

O novo treino da selecção portuguesa, embora só com a ausência de dois dos convocados, não corresponde tecnicamente ao que se exige de um grupo representativo. Sem ligação, nas diversas fases de troca de lugares, a equipa nunca satisfaz, valendo só pela categoria individual dos seus elementos. O onze treinador — o grupo Universitário — deu réplica satisfatória, desempenhando a sua missão cabalmente. Não está ainda formada a linha definitiva, mas pelos elementos convocados nota-se insuficiência em alguns sectores. A linha média e a defesa estão muito abaixo das seleções de outros tempos. Os nomes de Guimaraes (Vilanovense), Lopes Martins e Adalberto (F. C. do Pôrto) ainda hoje são recordados, pelas vezes que deixaram.

↳ Lemos que o «handball» português está nesta época, tecnicamente, em nível inferior às anteriores. Contestamos. Se de facto o onze representativo de A. H. P. não atinge a altura que se viu nos períodos áureos, isso não é elemento bastante para se fazer ideia do grau de desenvolvimento do nosso «handball». Na realidade, se não há revelações esta época, há jogadores a ganharem personalidade e que devem eclipsar alguns «ases», que estão hoje em declínio. Maroto (F. C. do Pôrto), Canto e Pessoa (Académico), Rodrigues e Tavares (Vilanovense), etc., fazem parte do grupo dos valores da nova geração. Colectivamente, os grupos jogam mais e não há aquela separação de categoria, entre o F. C. do Pôrto e os restantes, que se presenciou durante anos seguidos.

Recorre-se, na verdade, ainda a um Febião, a um Teófilo, a um Xavier, mas as suas qualidades no momento são as mesmas de há anos e Montalvão, «Zé» Manuel e Neca, estão atingindo o máximo da sua forma. É extemporâneo, pois, reconhecer inferioridade nalguns jogadores hoje insubstituíveis, noutras épocas aceites como bons.

↳ Continua sem manifestação de actividade o campeonato de juniores. Nem a associação regional nem os clubes têm dedicado à causa a atenção que ela merece.

Consta que vai organizar-se, ainda esta época, o campeonato nacional, cuja final deverá ser no mesmo dia do torneio dos «seniores»; todavia, pelo desinteresse que se nota, é de admitir que o plano fique sem realização.

Lamentável, sob todos os aspectos.

LEME

melhor maneira, pois foi jogado com entusiasmo e desportivismo e teve a presença — pública em número inulgar nesta modalidade. Damos a seguir os resultados dos diversos jogos.

Na Bela-Vista: Centro-B: Toni, Pina, Viegas 1, Campos, Inglezias e Pinheiro. **Cufi P.** Ferreira, C. Silva, A. Leal, Bizarro, Gonçalves e Felix. **Árbitro:** Frederico Spranger. Os «universitários» dominaram, mas a Cufi lutou sempre com muito

(Continua na página seguinte)

O CASO DA SEMANA

O Sporting esteve 24 horas sem directores...

SEM dúvida que as primeiras reuniões da assembleia geral do Sporting — os trabalhos proseguiram ontem — constituiriam movimentado aspecto da vida desportiva da capital nos últimos oito dias. O interesse e o entusiasmo com que os sportinguistas se apresentaram à assembleia, ao provocando um momento difícil para a vida do clube, como seria se a direcção mantivesse o pedido de demissão que se verificou na primeira reunião. Mas a assembleia, nas 24 horas que dividiram as suas sessões, encontrou o bom senso e a ponderação que se impunham na apreciação serena dos casos apresentados. Parcouros até — salvo o devido respeito pelas ideias dos sportinguistas... — que por um simples momento de menos reflexão a assembleia não mantinha a imprescindível demonstração... de saber bem o que queria!

Apoiou os ataques à direcção e aplaudiu os que a defendiam... O pedido de demissão colectiva foi apresentado pelo sr. dr. Barreira de Campos, logo que a proposta do sr. Alvaro Frede foi aprovada: não sancionar o relatório mas dar aprovação às contas de gerência. Por maioria e por unanimidade, respectivamente, assim resolveu a assembleia.

Neste ambiente atingiu-se o fim da primeira noite de trabalhos e depois a assembleia trouxe consigo as palavras claras do sr. 1.º tenente Joel Pascoal: — O que acaba de passar-se não prestigia o Sporting! Revela ingratitude para com a direcção — que muitos e bons serviços tem prestado à colectividade.

A falta de ponderação e a pouca calma da assembleia foi o aspecto a pôr em relevo na segunda noite da assembleia. Registraram-se logo palavras sensatas. A concórdia então ouviu — e compreendeu — as apreciações de bom senso que se ergueram.

Que se preferia? Uma direcção eleita pelos sócios, ou um grupo de homens indicados pelas autoridades? O sr. dr. António Ribeiro Ferreira conseguiu impor o bom senso, depois, em momento de extraordinário entusiasmo. Reconhecia-se que aquelas centenas de associados aguardavam o momento de alguém os conduzir à grande manifestação, como que pentenciando-se das irreflexões da véspera (não passando despercebida a questão pessoal, a querer impôr-se de permoio com os trabalhos da assembleia). Essa calorosa ovação surgiu, espontânea, quando o orador pediu que se abatessem bandeiras e se quebrassem atitudes contrárias aos interesses do clube.

Os disabores da primeira noite compensaram-se com as manifestações da segunda sessão de trabalhos. O prestígio e a dignidade do grande clube ficaram intactos. E por entre palmas e vivas a assembleia reconduziu aos seus lugares os directores demissionários.

O Sporting não terá que arrependê-se da atitude assumida — disse o sr. capitão Mala de Lourival. Assim, em demora, o momento de alguém os conduzir se tem elevado a um nível de bom prestígio, promete excelente trabalho. Finalmente, a par da sua valorização de actividade desportiva, o Sporting procura deixar de viver em andares alagados. A aquisição de um edifício para sede do clube está em vias de se regular. Este pormenor na vida do clube acompanha outros de muito interesse, até para a actividade desportiva, como a decisão, por parte da Câmara Municipal, do terreno que o clube quiser no estádio de Lumiar.

NA VARZEA DE COLARES

O 1.º Concurso de Pesca Desportiva registou 200 concorrentes

NO momento em que as atenções dos nossos desportistas se concentram no movimento de preparação da futebol, não deixamos de lembrar as nossas relações desportivas com Espanha, a linda região de Colares recebeu a visita de 200 desportistas, amantes dedicados da pesca.

A pitoresca Varzea de Colares animou-se com a disputa do 1.º concurso de Pesca Desportiva, que o Sport União Siatrens organizou, com o patrocínio do Secretariado de Informação e do Jornal de Siatra e com o reconhecimento da Direcção Geral de Desportos.

Foi um acontecimento. Um simpático acontecimento, que se rodeou de magnífico carácter desportivo.

O rio de Colares, com os seus barbos, bordalos, enguias e algumas carpas, foi contemplado durante horas, naquele paciente sossego que caracteriza o desporto da pesca, pelos concorrentes que vieram de todos os pontos do país, entre outros pitorescos rios e rios. Os dias domingos em que se repartiu o Concurso — provas «Restauração» e «Siatras» — estiveram deliciosos. Mas o rio levava pouca água e muito calor. Este pormenor não é próprio para a pesca. No entanto, as margens do rio, ocupadas pelos pescadores, ofereciam curioso aspecto.

No primeiro dia, alguns pescadores foram felizes. Houve os que conseguiram mais de duas dezenas de peixes variados. Mas foi o dr. Arsenio Oliveira, esgrimista distinto e médico do Centro de Medicina Desportiva, que primeiro se classificou com os seus 32 peixes. Já no ano passado o conhecido desportista vencera esta prova e por isso conquistou a taça do Secretariado, além de outros prémios. Na categoria senhores, D. Romão do Carmo e Alberto obtiveram o primeiro prémio na categoria de crianças o primeiro lugar foi conquistado por Dinorah Dias.

No domingo passado, última prova do Concurso, voltou a mesma animação à Varzea de Colares. E a interessante iniciativa regional teve aspecto de certa solemnidade quando no salão nobre da Câmara Municipal de Siatra, e com a assistência do sr. director geral de Desportos, se procedeu à entrega dos prémios.

FLECHA é a melhor bicicleta

Stadium na capital do Norte

O NOSSO TORNEIO DE "VOLLEYBALL"

(Continuação da página anterior)

entusiasmo. Vitória do Centro Universitário por 2-0 (15/8-15/6). Os melhores: Toni, Viegas e Pina, no Centro; Bizarro, no Café.

S. Roque — B: Mourão, Menezes, Soares, Frim, R. Santos e Cunha. Centro — A: Viegas II, Sousa, Nelson, Valério, Heider e Archer. Como se esperava, o Centro não teve dificuldade em vencer por 2-0 (15/7-15/3). Destacaram-se: no primeiro, Sousa; no segundo, Menezes e Soares. Arbitrou, António Nascimento.

F. C. do Porto — B: Casimiro, Elio, Paiva, Ferreira, Neves e Gonçalves. S. P. — B: Fonseca, Borges, Barros, Monteiro, Pereira Nunes. Contra o que se esperava, os rapazes do Sport fizeram uma exibição notável e ganharam, com merecimento, por 2-0 (15/5-16/14). Os melhores no Sport, Barros e Monteiro; no F. C. do Porto, Casimiro, Elio e Neves. Arbitrou, António Valério.

F. C. do Porto — A: Castro, Piñol, Mário Ferreira, Ramos, Calo e Costa. Sport — A: Gamito, Nascimento, Moreira, Buzalgo, Guerra e Saraçama. Arbitrou, António Gaion. Não foi sem certa dificuldade que os «sportistas» venceram por 2-0 (15/10-15/13). Foi este o melhor encontro da jornada — equilibrado e muito bem disputado. Mais um atractivo para a 2.ª mão... No vencedor distinguiram-se, Castro, Cabo, Ramos e Piñol; no Sport, Gamito, Buzalgo e Saraçama.

S. Roque — A: Spranger, Soares, Costa, Pires, Cruz I e Cruz II. Juventude — Pinheiro, Ramos, Silva, Pires e A. Ramos. Arbitrou Fernando Castro. Vitória certa do S. Roque por 2-0 (15/4-15/8). Distinguiu-se, Spranger e Pires, no S. Roque. Na Juventude todos merecem louvores pela maneira entusiasta com que lutaram.

No Lima: Académico — B: A. Castro, Martins, Teixeira, A. Oliveira, Magno e Costa. Amaranos: Casary, Alves, Sarmiento, Pinheiro, Costa e Lopes. Arbitrou, Avelino Reis. Os amaranos, além de desfalcados, estiveram infelizes. Contudo, o Académico soube ganhar bem, por 2-0 (16/14-15/3). Os melhores: No Académico, Castro e Martins; no Amaranos, Lopes e Pinheiro.

O Académico — A não jogou e está apurado para os 1/4 de final, em virtude de o Vilanovense, por motivos justificados, não lhe ser possível manter a inscrição no nosso torneio.

E. S.

BASKETBALL

LISBOA VENCEU O PORTO

O excelente jogo inter-regiões foi um bom certaz de propaganda

NO sábado passado realizou-se o encontro entre as seleções de Lisboa e Porto em «basketball», no campo do Fluvial. Apesar do jogo ser efectuado de noite e da neblina que desceu sobre a cidade, o afecto a esta modalidade não faltaram e o campo esteve emoldurado por numerosa assistência.

A vitória dos lisboenses, por 42-34, é o prémio dos que melhor souberam marcar, especialmente no momento em que as energias deviam queimar-se para a vitória. Os portueses foram superiores na 1.ª parte, mas a recuperação dos visitantes, no 2.º tempo foi de tal forma brilhante que não só diminuíram a vantagem que os portueses haviam obtido na metade inicial — 23-21, depois de terem estado a ganhar por 21-12, como se mantiveram em ritmo e velocidade de tal ordem que os portueses foram surgindo, a construir o result do final.

A formação de Lisboa jogou sem alterações, ao passo que a portuesa, em especial no tempo final, fez modificações constantes — que não deram o resultado esperado. No conjunto visitante sobressaia a figura de Arlindo. Embora dos «velhos», agiu brilhantemente.

De resto, a selecção alvi-negra actua em bloco, sem um deslize, enquanto que o conjunto portuese teve, meré das alterações no «círculo», períodos de quebra de poder atacante, o que muito o prejudicou. Pinheiro fez uma 1.ª parte excelente, sendo o melhor marcador dos «verdes».

O jogo decorreu com velocidade estonteante. Digo de menção o facto de Pinheiro e Pina terem feito o mesmo número de pontos que Ferreira e Cruz, respectivamente 16 e 11. Os restantes foram: do lado portuese Cândido (6), Dias Leite (2) e Valentim (1); do lado lisboense Fernandes (9) e Arlindo (6).

Os directores da Associação do Porto ofereceram, no final do encontro, um «Porto de honra» aos lisboetas, que deu pretexto à troca de amistosos brindes.

NOTAS DA SEMANA

(Continuação da página anterior)

Provas oficiais de esgrima

A delegação do Porto da Federação Portuguesa de Esgrima fez disputar a primeira prova do calendário oficial deste ano — florete, 3.ª categoria.

A prova efectuou-se no ginásio do Licen Rodrigues de Freitas, com um interessante lote de atiradores, tendo, venido, sem derrotas, o esgrimista Carlos Correia, do Sport Club do Porto, que fez uma prova regu-

Os Júniores da A. F. L.

O campeonato de «Júniores» da A. F. L. prosseguiu no último domingo, com a efectivação de mais onze encontros. Continua a prova a despertar interesse, mas agora já não é a curiosidade de conhecer as possibilidades de cada concorrente que determina a expectativa. Agora o que prende a atenção dos concorrentes e dos seus adeptos é saber quando um dos favoritos sofre um precalço, que proporcione aos imediatos na classificação novas esperanças. Isto porque faltando ainda cinco jornadas as posições de cada um podem ser alteradas — não tanto as dos «leaders» como as dos clubes que mais do perto os seguem.

Mas no último domingo, os apaixonados de surpresas sofreram mais uma decepção. Dos três «comandantes» (um de cada série) nenhum se deixou bater e só um deles teve dificuldade em triunfar. Do modo que o Atlético, o Sporting e os Fósforos continuam à frente das classificações — mais fragitos os alantareses e os maravilhosos do que os «lobes», para quem o Benfica é a sombra da guerra...

Depois dos encontros de domingo as pontuações de cada concorrente ficaram assim ordenadas:

1.ª série — Atlético, 26 pontos; Belenenses (B), 21; C. U. F., 20; Estoril e Oeiras, 19; Parede, 16; Cascais, 12 e Paço de Arcos, 11.

2.ª série — Sporting, 26 pontos; Benfica, 24; Arroios, Casa Pia e Cascalheira, 19; Palmense, 15; F. Benfica, 11; Desportivo Operário, 10.

3.ª série — Fósforos, 26 pontos; Belenenses (A), 18; Benfica (B), 17; G. D. da C. P., 16; Chelas, 14; Operário, 11; Sacavenense, 9.

Alterações mais sensíveis: a subida da C. U. F. de 5.º para 3.º e o isolamento do Paço de Arcos, no último lugar, da 1.ª série; o Benfica (A) e o Estoril de 3.ª para 5.ª e a permuta do segundo lugar da 3.ª série, entre o Benfica (B) e Belenenses (A).

Na 1.ª série anotaram-se os seguintes desfechos: Estoril-Belenenses (B), 1-2; Cascais-Parede, 0-0; C. U. F.-Oeiras, 3-1; Atlético-F. Arcos, 7-0.

Resulta imediatamente o «score» obtido pelo Atlético, que fica como o melhor da jornada. Nos três restantes encontros adivinha-se facilmente luta de equilíbrio — um empate e dois vencedores pela tangente. Nada há a acrescentar visto que a igualdade de valores tem sido a nota saliente da jornada.

Na 2.ª série registaram-se os seguintes desfechos: Casa Pia-Cascalheira, 1-1; Palmense-F. Benfica, 0-0; Benfica (A)-Arroios, 0-0; Sporting-Desportivo Operário, 4-0.

Ainda desta vez, voltaram os «encarnados» a serem os mais folgados visitantes. O D. C. Arroios pagou cara a osadia de em tempo ter infligido ao Benfica a única derrota que ele até agora sofreu. Os «lobes» continuam invencíveis e o seu guarda-rédes teimou em não querer ir buscar a bola ao fundo da baliza... O empate do F. Benfica, obtido fora de casa é pois de assinalar e os caspianos voltaram a fornecer a indicação de que não têm queda para jogar contra o Cascalheira.

Na 3.ª série, os resultados foram os seguintes: Chelas-Fósforos, 3-4; Belenenses (A)-Benfica (B), 3-0; C. P. Operário, 1-0. Surpreende a dificuldade que os Fósforos experimentaram em frente do Chelas, ainda mesmo tendo em atenção que o jogo foi no campo do adversário. E o empate entre os «ferroviários» e os de S. Vicente, também contrariou prognósticos, dado que os primeiros têm feito carreira interessante.

A melhoria evidenciada pelo Belenenses (A) e a «baliza» do Benfica (B), em relação ao começo da prova, justificam o resultado da luta entre «azuis» e «encarnados».

D. D.

DE LUTO

Francisco Vianna

Faleceu há dias o sr. Francisco Vianna, conhecido técnico gravador e chefe dos respectivos serviços do «Diário de Notícias». Era sogro de Adolfo Mourão, o popular «Internacional» do Sporting, e Amadeu Ferrari, repórter fotográfico de desporto.

A família enlutou os nossos pesames.

Menina Elsa de Oliveira

Registámos com pesar, no último domingo, o falecimento da menina Elsa de Oliveira, estrema filha do sr. Manuel de Oliveira, presidente da Federação Portuguesa de Beske.

Ao conhecido dirigente apresentemos e expressão das nossas sentidas condolências.

lar, a denotar francos progressos. Artur Gesteira foi o 2.º classificado.

Nos próximos dias 10 e 11 de Março disputam-se, também em 3.ª categoria, organização da F. P. E., as provas de sabre. Em seguida serem os seguintes torneios: taça «Rui de Serpa» (organização do S. C. P.), em 21 e 22 de Março; taça «Adolfo Correia» (idem), em 7 e 8 de Abril; taça «João e Carlos Correia» (idem), em 21 e 22 de Abril; torneio de 3.ª categoria (organização da F. P. E.), em 12 e 13 de Maio. Está em estudo uma prova regional, possivelmente nos dias 26 e 27 de Maio futuro.

Vamos ter, portanto, nos meses que se seguem, um largo movimento na actividade da esgrima no Norte.

Um encontro internacional de futebol?

De há dias que corre o «boato» de que está sendo projectada a realização de um jogo de futebol nesta cidade com um grupo espanhol.

Dados concretos não existem, mas bom seria que se passasse para realidade objectiva, o que muito satisfaria os apaixonados do futebol. Há tanto tempo sedentos de um encontro de «cartel», a fugir aos pratos «requeijados» dos jogos com grupos de Lisboa ou da provincia. O Porto, pela sua categoria desportiva, merece que se lhe dê o prémio de um encontro internacional, pois não nega a sua contribuição valiosa em casos idênticos, como são provas evidentes os que tiveram por palco os nossos campos, em tempos sazonos, que já lá vão...

A SELECÇÃO DE LISBOA DE HANDBALL VOLTOU A VENCER A DE CASTELA



A equipa de Castela



Ceia e Tóres saltam a uma bola alta



A equipa de Lisboa

**LISBOA, 6
CASTELA, 4**



Pimenta remata o quarto ponto lisboeta

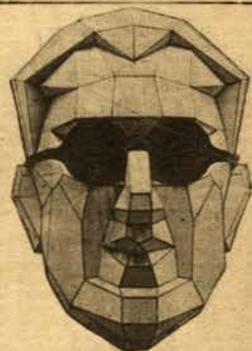


Na tribuna de honra, o «sabão» e o «cabo» de Portugal, acompanhado das individualidades espanholas e portuguesas

A estrada de Almasqué não evita um «goal» de grande penalidade



A bola, rematada por Ceia, entra na baliza castelhana



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 2 2629 LISBOA